

Pelo medo que o *lobis-homem* causava Jacoba se presumia de dominio mais seguro no quintal durante as noites.

Nem tudo, porém, havia de ir correndo à medida dos desejos da velha escrava que, ao amanhecer de um dia, achou morto ao pé do portão o bravo *Dególa*, que era tão amigo do sachristão. Debulhada em lagrimas correu ella a dar parte do caso, e João-Fusco, tendo examinado o corpo do pobre animal e não encontrando nem ferimento, nem contusão, declarou o cão morto de peste e consolou a escrava, promettendo dar-lhe em breve um outro *Dególa*, o que aliás era do seu interesse.

Quem sabia perfeitamente de que mal tinha morrido o *Dególa* era Alexandre Cardoso.

O extravagante e dissoluto official da sala descobrira depois de algumas noites de espreita, que o ama e supposto seductor de Agueda era o sachristão e sobrinho do vigario de S. José.

Alexandre Cardoso delineou então atrevido ou antes adoudado plano só explicavel em quem muito contava com o respeito que impunha a sua posição official, além de confiar não menos na propria valentia.

Continuou a jogar na casa de João-Fusco; mas ás 11 horas da noite sahia, indo encontrar-se no largo da Carioca cum um soldado do seu regimento, que alli o esperava.

Perdeu tres noites assim; na quarta porém vio o embuçado, reconheceu o sachristão que dobrava da rua da *Cadêa* para a dos *Latociros*.

— E' aquelle... murmurou.

O soldado avançou rapido e chegando ao pé do embuçado, disse-lhe vivamente :

— Sr. sachristão, o reverendissimo Sr. vigario o manda chamar já e já á igreja.

O sachristão atarantado por terem-no reconhecido, e não sabendo que pensar do que áquellas horas tinha de fazer na igreja, voltou apressadamente.

Alexandre Cardoso despedio o soldado, chegou-se ao portão da casa de João-Fusco, e bateu de leve tres vezes.

O portão abriu-se, e elle que não se arreceiava mais do *Dególa*, entrou immediatamente.

Jacoba trancou de novo o portão, e tão escura estava a noite, que ella não deu logo pela troca do namorado da menina.

Mas Alexandre Cardoso, sentindo-a tirar a chave do portão, e querendo ter sahida livre, disse baixinho e disfarçando a voz :

— Dê-me a chave.

A negra recuou desconfiada, e perguntou :

— Você quem é?... falla!

Alexandre Cardoso, em vez de fallar, avançou dous passos, e Jacoba recuou quatro, e um a avançar, e a outra a recuar chegarão, isto é, a negra metten-se pela cosinha, e o tresloucado substituto do sachristão parou á porta, e á fraca luz de ruim candeia, mostrou uma bolsa, sacudindo-a para assignalar que estava cheia de ouro.

Jacoba, verificando que não era o sachristão, soltou um grito, e atirando-se para dentro da casa, começou a bradar :

— Tem *lobis-homem* em casa !... *lobis-homem* entrou !

Alexandre Cardoso sentio alvoroço na sala do jogo, e não tendo retirada pelo quintal, perdida a cabeça, lançou-se além da cosinha pela sala de jantar, tomou por

estreito corredor, e ao ouvir o ruído que fazião os jogadores, que acudião aos gritos da negra, foi subindo uma escada, que achou no fim do corredor sem sahida...

Mas no tópe da escada apparecêrão Helena e Agueda a bradar :

*O lobis-homem* vem para o solão !... o *lobis-homem* está aqui !...

Alexandre Cardoso precipitou-se pela escada abaixo, tornou á sala de jantar, vio os jogadores que voltavam apressados do quintal, tomou por outro corredor, chegou á saleta do jogo, e enfim, orientado, sahio veloz pela porta ainda entreaberta da loja.

Estava livre do maior perigo ; não querendo, porém, que o reconhecessem, e certo de ser perseguido, como de facto logo o foi, fugio, correndo pela rua da *Valla*, e aturdido pela vozeria dos jogadores já a seguil-o, ao chegar diante da extrema da rua do *Padre Homem da Costa*, deu infeliz salto para vencer a *valla*, e cahio dentro della.

Peior do que isso ! João-Fusco e os companheiros da *banca* aproximárão-se, e Alexandre Cardoso, furioso, sem medo, mas envergonhado do ridiculo de sua situação, é para escapar á publicidade do seu scandaloso procedimento, abysmou-se até o pescoço na *valla* nauseabunda e mal cheirosa.

Os perseguidores o procuravão... alguns dizião que elle se escondêra dentro da *valla*, já fallavão em mandar vir luzes e archotes, o poderoso official da sala do vice-rei estava em torturas, quando angustioso brado veio salvá-o.

O *lobis-homem* carregou com Agueda !... gritava Helena desesperada.

João-Fusco e seus amigos acudirão ao clamor de Helena.

O caso era simples.

O sachristão achára a igreja fechada e a casa do vigario seu tio tambem de porta trancada, e amante apaixonado a imaginar traição, voltára á rua dos *Latociros*, ouvira grande ruído na casa de João-Fusco, e apprehensivo se dirigira para a *Loja de Doces*.

Quando alli chegava, Helena sahia como espavorida agarrando-se ao irmão que com os socios da banca ião em perseguição do *lobis-homem*.

A' porta da loja ficárão somente Agueda e Jacoba que lhe contárão quanto se passára.

O sachristão, adivinhando pela ousadia da tentativa algum poderoso rival, disse com anciedade a Agueda :

— Oh !... em tal caso ou já, ou nunca !

E offereceu a mão á menina.

Agueda o comprehendeu, e tomando-lhe a mão, fugio com elle.

Pouco depois Helena menos aterrada, lembrando-se da filha, voltou cuidadosa para casa ; mas debalde procurou Agueda, encontrando apenas Jacoba cahida no chão e em terriveis contorsões.

Tudo obra do *lobis-homem* !

João-Fusco e os outros chegarão para reconhecer a triste verdade.

Agueda tinha desaparecido.

Alexandre Cardoso, aproveitando a subita retirada dos perseguidores, sahio da *valla*, e desapontado e prestes recolheu-se á sua casa, onde, livre da roupa immunda, só depois de tres successivos banhos, foi no

leito pedir ao somno o esquecimento das suas extravagancias e do seu desastre dessa noite.

O epilogo desta tradição tem o merecimento de dous bonitos quadros: um o da felicidade de dous jovens amantes; outro o de um beneficio publico.

O vigario de S. José perdoou facilmente a travessura do sobrinho, casando-o com Agueda, a despeito dos impedimentos que João-Fusco protestava que ia apresentar, mas que não ousou fazer.

Alexandre Cardoso, o ajudante official da sala do vice-rei, tomára em aversão a *valla*, e sem duvida para obviar iguaes e possiveis desastres futuros, fez com que o conde de Cunha ordenasse á Camara Municipal que a mandasse cobrir com lagedos.

Precaução de useiro saltador amoroso nocturno.

Veio *ex-fumo* a luz, do mal o bem; de um banho fetido na *valla* a petrea coberta desta.

Mezes depois de realisada a obra beneficiadora da cidade, e de quasi de todo esquecida a famosa historia do *lobis-homem* na casa de João-Fusco, *lobis-homem* de que principalmente as velhas davão testemunho até jurado da apparição, da correria, e do desaparecimento mysterioso por arte diabolica, Alexandre Cardoso que era vingativo e máo, explorando a frequencia de *pasquins* injuriosos que amanhecião pregados na esquinas das ruas contra elle proprio, e contra o vice-rei conde de Cunha, um dia mandou prender o sacristão da igreja de S. José, como suspeito de *pasquineiro*.

Era suspeita imaginada, calunnia indigna e perversa, vingança de oppressor cruel.

Mas, ainda bem que a victima, o sachristão, era

sobrinho de padre, e ainda mais e melhor, sobrinho de padre vigario.

O marido de Agueda tinha averiguado, ponto por ponto, a historia toda do *lobis-homem*; guardara-a, porém, comigo a medo do *official da sala*.

O tio vigario, sabendo da prisão do sobrinho, foi ter com elle á cadeia, e ouvindo-o então narrar o caso do *lobis-homem*, que explicava a injusta prisão, correu logo a referil-o ao bispo D. frei Antonio do Desterro, e o bispo deu conhecimento de tudo ao conde de Cunha, que mandou soltar o sachristão, bem que não acreditasse no que dizião contra o seu ajudante official da sala.

Propalou-se logo a historia do *lobis-homem* e dias depois amanheceu em frente da rua do *Padre Homem da Costa* junto da valla, fincado um poste e nelle pregado o seguinte pasquim:

Mude-se o nome da rua,  
Tenha outro nome e mais galla;  
Seja, em vez de *Homem da Costa*.  
Do *Ajudante da sala*,  
Que uma noite um *lobis-homem*  
Aqui se banhou na *valla*.

Horas depois vierão soldados arrancar o pasquim, e derribar o poste; muitas pessoas, porém, já tinham lido e decorado o malicioso versinho, que a tradição popular conservou.

Graças ao medo das perseguições do terrivel official da sala do vice-rei conde de Cunha, a actual tafulona *rua do Ouvidor* escapou ao vexame de passar então a

denominar-se não — rua do *Ajudante Official da Sala*, como propuzera o pasquim; mas *rua do Lobis-homem*, conforme alguns mancebos *janotas* do tempo, e mais atrevidos pela influencia de suas familias nobres ou ricas durante semanas a chamãrão por zombaria ao aborrecido Alexandre Cardoso.

A rua manteve a sua denominação de *Padre Homem da Costa*; mas parece que a proposição do pasquim, e a alcunha sarcastica dada por aquelles mancebos destemidos já erão prenuncios da proxima deposição do *Padre Homem da Costa* no seu dominio denominativo da rua, que começava a ser anachronica pela batina e o solidéo de que elle usara.

A rua vai receber nome novo e é de honra, e de etiqueta que o receba em novo capitulo nestas *Memorias*.

## CAPITULO V.

Como a rua do *Padre Homem da Costa* chegou pelo lado de terra em seu — *plus ultra*, abrindo-se na actual praça de *S. Francisco de Paula*: referem-se os tormentos do Cabido do Rio de Janeiro, e a historia da *Sé Nova*, que nunca chegou a ser *Sé*. Transformação da cidade do Rio de Janeiro nos vice-reinados do marquez de Lavradio e de Luiz de Vasconcellos: diz-se como a *rua do Padre Homem da Costa* andou, ou permaneceu pouco lembrada até que o marquez de Lavradio que, como Henrique IV, era devoto do bello sexo, fez nella das suas costumadas proezas nocturnas, amando a viuvinha Zêzê, cunhada do *Amotinado* verdadeiro, que foi logrado pelo falso *Amotinado*. Como houve idéa e questão de mudança da denominação da rua, que acabou chamando-se do *Ouvidor*, em honra do Dr. Berquó. Annuncia-se a festa do primeiro centenario da *rua do Ouvidor* e promette-se o programma da grandiosa solemnidade.

---

Quando o tenente-coronel Alexandre Cardoso, official da sala, perseguido como *lobis-homem* na noite desastrosa, cahio dentro da *valla* no encruzamento da rua deste nome com a do *Padre Homem da Costa*, já esta ha dezeseite ou dezoito annos tinha pelo lado de terra chegado á extrema, onde pudera escrever — *plus-ultra* —; pois que acabára em sua embocadura na actual praça de *S. Francisco de Paula*.

Breves explicações me parecem necessarias.

A rua do *Padre Homem da Costa* fôra obrigada a fazer alto quando chegou a rua da *Valla* (hoje da *Uru-*

*guayana*): porque, além desta, o campo era do logradouro publico, e não se permittio o prolongamento da rua, e nem ainda um pouco mais tarde, bem que perto do campo que lhe vedação já estivesse edificada a igreja de *Nossa Senhora do Rosario*, de particular devoção dos homens pretos livres, libertos e escravos.

Mas enfim veio o *Cabido* do Rio de Janeiro resolver o problema da revogação daquelle logradouro publico.

O *Cabido* do Rio de Janeiro desde muito que reclamava *Sé* propria e condigna.

Arruinada a *Sé* primitiva, a igreja de S. Sebastião do Castello, hospedou-se o *Cabido* na então simples *capella de S. José*; mas faltando-lhe ahí commodos, invadiu quasi à força a *igreja da Santa Cruz dos Militares*.

E' curiosa, mas triste a historia da campanha dos conegos contra as irmandades donas da casa, estas a empurrar para fora os hospedes, e os hospedes a resistir e oppôr-se á despedida; não cabe, porém, nestas *Memorias* a narração de quanto se passou nesse longo pleito.

Vencido na luta, e perdida e esperanza de estabelecer-se na *igreja da Candelaria*, o *Cabido* acolheu-se a *pezar seu* na de *Nossa Senhora do Rosario*.

A prova do *pezar do Cabido* dá-a monsenhor Pizarro, que em suas *Memorias* repete *sem caridade* a queixa do forçado e inevitavel contacto com os *pretinhos*, aliás seus e nossos irmãos em Deus.

Mas o governo da metropole (reinado de D. João V) approvando o plano apresentado, mandou construir nova igreja para *Sé* do Rio de Janeiro, e o governador Gomes Freire de Andrade, o bispo, e o engenheiro director das obras de accôrdo escolhêrão para o tempo

lugar no *Campo do Rosario* á curta distancia da rua da *Valla*, defronte da extrema imposta á rua do *Padre Homem da Costa*.

No assignalado historico dia anniversario, 20 de Janeiro de 1749, foi lançada com apparatusa solemnidade a primeira pedra da *Sé Nova*, cujos alicerces e grossas paredes havião de servir não para ella, *vie vos nos cobis*; mas para o edificio de que é ultima herdeira a *Escola Polytechnica* do Rio de Janeiro.

Para o solemne lançamento da primeira pedra limpára-se, aterrara-se em alguns pontos, e todo se igualára o terreno fronteiro á futura igreja, o qual, ou no mesmo dia 20 de Janeiro, ou pouco depois, recebeu a denominação de *Largo da Sé Nova*.

Então a rua do *Padre Homem da Costa*, vendo um *largo* aberto no campo do logradouro publico, usou do seu bom direito, saltando a *valla*, e estendendo ou continuando suas duas filas de casas até abrir-se no *largo da Sé Nova*.

*As obras da Sé*, que ficarão em proverbio popular perpetuadas, apoz activo ardor dos primeiros mezes, cahirão em desalento, e ora interrompidas, por faltar azeite á lampada, ora continuadas muito preguiçosamente, chegarão por isso a excitar o ridiculo que ferio a negligencia e a desidia do governo com aquelle proverbio fulminador das obras em que se consome o dinheiro publico e nunca chegam ao fim.

Mais afortunada que a *Sé*, a igreja de *S. Francisco de Paula* começada a construir-se em 1759 (dez annos depois daquelle) no mesmo *largo*, em 1801 já estava acabada pelo seus *Minimos*, que assim derão quinhão aos *maximos* do governo, e em premio do seu zelo o

povo mudou o nome do *largo*, que ficou sendo chamado de *S. Francisco de Paula*.

A rua do *Padre Homem da Costa* desde 1749 não teve mais prolongamento a aspirar; ainda, porém, era cedo para as glórias que a esperavão com outro nome.

De 1770 à 1791 a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro se transformou como por metamorphose rapida. Era feia lagarta, e o vice-rei marquez de Lavradio fez sahir do casulo a *borboleta*, asseiciando, calçando as ruas e praças, abrindo novas ruas, banindo as rudes *peneiras* das portas e janellas, e removendo para longe dos centros urbanos a agglomeração pestifera dos miseros negros trazidos da Africa para immundos recintos de mercado de escravos.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos, achando a *borboleta* fôra do casulo e a ensaiar as azas de seda, deu-lhe agua e flôres em chafarizes, na fonte das Marrecas, e no Jardim Publico, e deu ainda à cidade novas ruas, uma das quaes foi a das *Bellas Noites*, então a romanesca das noutes de luar crescente e pleno.

A rua do *Padre Homem da Costa* não recebeu nesses vinte e um annos de florescimento na cidade melhora-mento algum, à excepção do banimento das peneiras que a afeiavão, como as outras; dous annos porém, depois do começo do vice-reinado de Luiz de Vasconcellos perdeu o nome que lhe tinhão dado em 1659.

Escapára à denominação de rua do *Lobis-homem* no vice-reinado do conde de Cunha, e como se vai ver, escapou de outras que lhe quizerão dar, para denómi-nar-se *rua do Ouvidor*.

O marquez de Lavradio, o vice-rei estadista, era

varão de alto saber, de grande esperiencia e de virtudes; tinha, porém, a *fraqueza* de Henrique IV, e peccou não pouco por apaixonado do bello sexo. No seu tempo o doudo Romualdo dizia que o *vice-roi limpava as ruas e sujava as casas*.

O illustre marquez estava muito longe de ser ostentoso, delirante e corrompido perversor, como fôra o ajudante da sala do conde de Cunha; foi, porém, conquistador famoso, e teve ligações amorosas que o prendêrão muito, e amores furtivos e passageiros que antorisarão o mordaz epigramma do doudo Romualdo.

A principio, e a suppôr-se cauto, elle dissimulou *suas fraquezas* de um modo singular e espirituoso.

O marquez adoptára o costume de sahir sob diversos disfarces depois das dez horas da noute em passeio pela cidade para zelar a policia e ver com os seus olhos o que se passava, e ouvir com os seus ouvidos o que se dizia.

Em suas rondas ou passeios levava elle sempre por companheiro unico um official de milicias, o tenente João Moreira, conhecido pela alcunha de *Amotinado* pelos faccis arrebatamentos de seu genio ardente e desordeiro.

O tenente *Amotinado* era de prodigiosa força, de animo inflammavel e talvez o mais antigo *capoeira* do Rio de Janeiro, jogando perfeitamente a espada, a faca, o pão, e ainda e até de preferencia a cabeçada e os golpes com os pés.

Não se temia de dous ou de dez inimigos, multiplicava-se na defesa e no ataque pela agilidade. Tinha medo somente do vice-rei e do ouvidor da comarca.

Era dedicadissimo, como ufanoso escravo do marquez de Lavradio, a cujo serviço não punha limites.

O marquez, quando tinha *de peccar* por devoção ao bello sexo, aproveitava para isso os seus disfarces e horas de passeio nocturno, pondo em ridiculo e abusivo tributo a baixa condescendencia do tenente.

A' noite e a prazo dado, batendo de leve á porta que havia de se abrir a signal de ajuste, se fraca voz perguntava :

— Quem é?...

— Tenente *Amotinado*, respondia sempre o marquez.

E o tenente não protestava.

Durante alguns mezes por isso, e pelos falsos boatos que se fazião espalhar para explicação de amorosas travessuras, cujo mysterio era mal guardado, ou por acaso descoberto, o tenente *Amotinado* gozou na cidade do Rio de Janeiro immerecida celebridade de feliz conquistador de invejados amores e de traquinhas beija-flôr inconstante em jardins pouco vedados.

Em breve, porém, o arдил foi conhecido e o tenente *Amotinado* cahio no ridiculo, que devia ser o seu primeiro castigo.

O povo que amava o seu bom e sabio vice-rei era indulgente, repetindo a rir as noticias indiscretas de suas travessuras amorosas, e a zombar do complice desbrioso, continuava já então malicioso a nomear como autor das nocturnas traquinadas o tenente *Amotinado*.

Mas todos sabião bem que nome e que título se escondião na pobre alcunha do *Amotinado*.

Mas acontecem cousas neste mundo!...

O tenente João Moreira, o *Amotinado*, o companheiro ou caudatario do marquez de Lavradio em seus passeios

nocturnos, era casado e tinha em sua companhia uma eunhada, Josefa, chamada em familia *Zézé*, viuva ha um anno.

A esposa do *Amotinado* era bonita e joven; mas a *Zézé*, dous annos mais moça, mais bonita ainda.

O tenente morava á rua do *Padre Homem da Costa*, um pouco acima da dos *Ouvires*, e sua casa de um só pavimento tinha além da porta da entrada uma outra em curto muro contiguo, a qual só se abria para o serviço dos escravos.

Ora no ultimo anno do seu vice-reinado o marquez apanhado uma noite na rua do *Padre Homem da Costa*, por subita e grossa chuva, aceitou o offerecimento do tenente, recolheu-se á casa deste, e vio Leonor, ou *Lolôra*, como o marido e parentes a chamavão, e a *Zézé*, sua irmã.

O marquez ficou encantado, e creio que só em lembrança dos serviços que devia ao *Amotinado* não pensou em apaixonar-se de ambas.

Enamorado da *Zézé*, e castigando assim e sem idéa de castigo as vis complicitades do tenente, fez chegar seus recados e proposições amorosas á linda viuvinha, conseguindo commovê-la com a ternura prestigiosa, e com a sua singular belleza de vice-rei.

Não sei como o *Amotinado* descobriu o namoro e os projectos do marquez e poz-se áleria para impedir que o vice-real namorado penetrasse em sua casa.

O cem vezes baixo e aviltado complice de entradas nocturnas em casas alheias, não queria graças pesadas na sua : com outro qualquer teria logo posto fim á historia, rompendo em escandaloso conflicto do seu costume ; com o vice-rei, porém, o caso era outro, e o tenente sabia